

Nação teme colapso com tantos 'pacotes'

Da sucursal de
BRASÍLIA

Há quase 20 anos, no Rio, o então governador Carlos Lacerda ouviu de seu chefe do Serviço de Trânsito uma previsão fatídica: temia o coronel Américo Fontenelle, para qualquer instante, um daqueles nós definitivos que paralisariam todos os automóveis, ônibus e caminhões de um lado a outro da cidade. Por conta disso, iniciou-se a abertura de túneis, viadutos e vias expressas, mas antes que as obras se completassem o pior aconteceu. Certa tarde, parou tudo, de Copacabana ao Méier, da Tijuca ao Jardim Botânico, passando pelo centro da cidade. Nenhum veículo andava, impossibilitados todos, uns pelos outros e pelas más condições de fluxo existentes. Foram quase 24 horas de caos, lição que serviu para apressar os melhoramentos, daquele dia em diante prioridade absoluta e urgente. Até hoje, recorda-se com horror do acontecido.

Pois coisa pior está acontecendo com a economia nacional. Há quem preveja o nó para este mês. À exceção do comando econômico-financeiro chefiado pelo ministro Delfim Netto, a Nação inteira assume as previsões do falecido coronel Américo Fontenelle. De empresários a tecnocratas, de políticos a ministros de outras Pastas, de observadores a consumidores, todos esperam o pior. E o problema não parece centralizado na dívida externa, impagável, senão na situação interna. Com o suceder de "pacotes", expedientes, marchas e contramarchas, saída não há. Mesmo afastando-se a sinistrose ou as críticas engajadas, a situação se encontra a um passo do caos.

Com as desindexações, e não se dirá que foram tomadas desnecessariamente, pois até chegaram tarde, estabeleceu-se a defasagem de 7% ao mês entre salários e inflação, ocorre dizer, de 60% ao ano. Veio o Decreto-Lei nº 2.045 e a obrigatoriedade de uma correção salarial não superior a 80% do INPC. Breve os frutos do trabalho estarão sendo remunerados 50% menos do que a realidade. Ao mesmo tempo, o governo tabelou os juros bancários e não se discute a situação anterior, privilegiada, do sistema financeiro. Mas, por conta disso, os bancos pararam de operar. Afinal, sua mercadoria é o dinheiro, e se aceitarem a redução de sua margem de lucro nesses limites chegarão no máximo a 80% ao ano. Com uma inflação de 160%, ironicamente estarão próximos da bancarrota. Preferem, por isso, aplicar seus recursos em títulos que o próprio governo desesperadamente coloca no mercado e dão 250% ao ano.

Resultado: as empresas ficam sem capital de giro ou, mesmo, numerário para saldar compromissos imediatos, até mesmo pagar salários. Deixam de recolher o ICM, o IPI, o Imposto de Renda na fonte e outros tributos. Em paralelo, caem as arrecadações do Fundo de Garantia do Tempo de Serviço fragorosamente sobre as cadernetas de poupança, isto é, sobre o BNH, já empenhado no absurdo de cobrar prestações acrescidas de 130% aos seus mutuários. A Previdência Social, em déficit crescente, fica exangue. As empresas estatais, como começou a mostrar o Jornal da Tarde, não fecham a goela, soando como coisa do passado a tentativa de restringir seus gastos e limitar seus privilégios. Quem tem poupança lança mão dela para sobreviver, descapitalizando mais os recursos que poderiam inflar a economia.

Mais medidas de emergência é igual a mais dificuldades, como a resolução que permitiu o ingresso de

dólares de origem escusa nas cadernetas de poupança, desde que por 24 meses, sem investigação, mas com que resultados? Nenhum. Os preços triplicam todas as semanas, o desemprego aumenta e o Estado se vê algemado com as cadeias que preparou para a sociedade — esta também imobilizada.

O nó, se não se completou, logo estará caracterizado. Talvez não demore um mês, e quando se passa para o problema externo, é o diabo. Se não temos para viver, como encontraremos para pagar?

A economia, infelizmente, é bem mais complicada do que o trânsito. Para ele, no Rio, o remédio pôde ser aplicado, mesmo com sacrifícios, através das vias expressas, dos viadutos e dos túneis. Mas para ela? Há quem fale em governo de união nacional, em austeridade, em medidas heróicas que implicariam mudanças estruturais de métodos, concepções e pessoas, mas, junto com a certeza de que nada disso acontecerá em prazo útil, soma-se a tragédia de imaginar que não adiantaria. Não há tempo. Por isso, os sinistros também falam em golpe de Estado, retrocessos, prorrogações e sucedâneos.

Dispusesse de autonomia, até com certo otimismo se pensa assim, o vice-presidente em exercício poderia encontrar um caminho capaz de desbastar o cipó. Ou o general João Figueiredo, se retornasse com a disposição de mudanças. O drama é que um chefiar o governo do outro, hoje, precisando este, amanhã, ser poupado de agruras e preocupações. A consequência, vale a repetição, é que tempo não há mais. Nem Minas, se alguém quisesse fugir para lá. Perigosamente fechado, o círculo se comprime, e para sair de Drummond para Bandeira, passando pelo ministro Délio Jardim de Mattos, conclui-se que restará apenas tocar um tango argentino. Mas existirá perigo maior do que a argentinição?

Os milagres estão fora de moda. Ainda mais os falsos; no entanto, nada menos do que um milagre, e dos verdadeiros, constituiria a saída no fim do túnel. Pode parecer brincadeira de mau gosto, mas nos últimos dias, entre os preparativos e a abertura dos trabalhos parlamentares, de outro tema não se fala, na Capital Federal. Exceção para o ministro Leitão de Abreu e dona Ivete Vargas, é claro, que cuidam de restabelecer a autonomia de Santos, de resto justa e tardia.

A sucessão presidencial toma o rumo da estratosfera, importando menos saber se o PDS indicará o novo presidente de comum acordo com Figueiredo ou contra ele, ou se o chefe do governo disporá de condições para coordenar o processo. Serão indiretas, as eleições, ou os fatos determinarão o retorno ao processo direto antes de quaisquer previsões? Passará a tese da reeleição, canhestamente engendrada pelo ministro César Cals para manter os donos do poder onde estão, por mais cinco anos? Seria o parlamentarismo a fórmula salvadora ou repousaria ela na restauração tardia do regime monárquico? Tudo, num pacote só, assemelha-se a assunto de outro planeta, meras fantasias a preencher espaços cada vez mais curtos.